

Um século de avó

Sabíamos que já faltava pouco para aliviar o esqueleto das cinco longas horas amontoados no exíguo carro de família quando se começava a ver o fumo cuspidos pelas chaminés da Companhia Portuguesa de Fornos Elétricos a borrar os céus.

Sabíamos que estávamos mesmo quase a libertar-nos do aperto automóvel quando o cheiro a bolinhos se assenhoreava dos nossos narizes. Difícil dizer quem penava mais o tempo até àquela porta de casa granítica, típica da Beira Alta. Se os quatro netos. Se a avó de todos.

Ainda o carro não tinha sido desligado e já ela esperava no cimo da escadaria de pedra. Pergunto-me até hoje como faria para adivinhar a nossa aproximação, num tempo tão distante de telemóveis e de viagens com hora marcada.

Depois dos merecidos abraços e juras de amor eterno, lá estava aquela orgia de palato como nem em dias de festa víamos em nossa casa: pão de ló, biscoitos secos, Molotov, pastéis de feijão, bolinhos de coco, bolo de noz, folar da Páscoa ou Bolo-rei, consoante a época da nossa chegada. E o pãozinho estaladiço a pedir manteiga, doce ou marmelada, à medida das conveniências gulosas de cada um. Ia dizer que nem sabíamos bem por onde começar, mas não é verdade. De carcaça numa mão e biscoito na outra, enchíamos rapidamente o estômago daquelas saudades acumuladas. Sem ralhetes anti migalhas, nem reparos de etiqueta.

Ela ficava a contemplar-nos o regalo gastronómico, que era também afetivo, num reforço permanente da nossa (justificada) gula: «Come para baixo!» Para logo prolongar aquele pecado calórico de fazer corar sapientes nutricionistas do século XXI. «Ainda não provaste este. Não queres mais?» Tínhamos de querer. E queríamos. Não havia desalinho entre a vontade dela em nos agradar e a nossa vontade em sermos agradados.

De estômago apaziguado, sentávamo-nos no cimo da escada virada para o quintal da nogueira imortal, já então a dominar o terreno. Um lado da casa dava para a zona urbana; o outro para os pessegueiros, as figueiras, os feijões verdes, as batatas, as laranjeiras, as tangerineiras, a cameleira, o loureiro. E o poço, onde não nos podíamos sequer abeirar. Porque eram precisos «sete olhos» para uma infância livre de perigos, mesmo que «ao menino e ao borracho», pusesse «Deus a mão por baixo».

Já conquistados pelo estômago, era altura de carpir mágoas. Mágoas futuras, bem entendido: «A vossa avó é muito doente! Para o ano já cá não estou.» Convincente, gozando daquela veia dramática que parecia comum a todas as mulheres da família, passava o resto da tarde a chorar o seu próprio fim. Nós pendurávamo-nos ao pescoço dela: «Não digas isso, avó. Tu nunca vais morrer!» Ela fingia não gostar da mentirinha. Contestava: «Ninguém fica para semente. Querem ver que ficava cá eu!?»

Talvez entusiasmada pela exaltação que o medo desse futuro tão presente lhe causava, avançava para a cena seguinte, agora com coreografia. Levantava-se, abria os braços para o horizonte, e, entrando numa espécie de transe dramático, carpia: «Vocês são sangue do meu sangue. Corre nas veias.» E, para que não restassem dúvidas, batia com toda a força da palma das suas mãos já nodosas na cova do próprio braço: «Nestas veias!» Só nos tinha a nós, dizia. «As nozes que hão de cair, são vossas. Os pêssegos que hão de medrar, vocês os roerão. As laranjas que hão de voltar a pender dos ramos, vocês as provarão. Tudo isto é vosso».

Assim caía o pano, num misto de apoteose de abundância prometida e apocalipse que se lhe antecipava, impedindo que se chegasse a gozar do tanto que alegava correr-nos nas veias do corpo e nos veios da terra. Por muitas vezes que repetisse - e repetia a cada visita - as certezas daquela triste sina, a mim parecia-me sempre convincente. Hoje sei que me fazia acreditar mais na iminência de desgraça do que ela própria cria nela.

Para nós, aquela portadora de sofrimento e de carinho, era a «vó Mira». Para o meu avô era a «Cara-linda», um *petit-nom* com um toque de louvor que só em adulta alcancei. A minha avó fez-se gente com a cara desfigurada pelas bexigas. Uma doença que matava ou marcava. De tal forma que, não contentes com a catástrofe causada pela epidemia de varíola, ainda lhe acrescentaram um apelido de rejeição: loucas. «Bexigas loucas», assim chamava o povo ao que quase matou a minha avó pouco depois de ter nascido.

O meu amor por aquela mulher, que me mimava como ninguém, cegou-me para elas. Não as via. Não me importavam. Não as definiam. Só que sim. E o meu avô sabia-o. Por isso, atirava-as às cordas com aquele «Ó Cara-linda», num bem-querer de alcance que demorei a saber ler. Agora que penso nisso, acho que nunca ouvi ninguém chamar a minha avó pelo seu verdadeiro nome, de que ela, aliás, não gostava: Laudomira.

À noite, cabíamos todos os quatro netos na mesma cama com ela. Tínhamos de caber. Era hora de ouvir contar as histórias da velha «Guardadora de Patos» ou do «João Mata Sete». Como eu gostava daquelas cantilenas, com direito ao suspense de cenas dos próximos capítulos, garantido pelo sono que a venciam sempre antes do fim da história, enquanto nós continuávamos vigilantes, persistindo nas desventuras com a nossa imaginação.

A história interrompida era compensada pela atividade secreta que só nós as duas sabíamos agendada para a manhã seguinte. Já bem crescida - tão crescida que nem aqui confesso - ela preparava-me, às escondidas, um biberão de leite com chocolate, que nos permitia esticar a manhã na cama. Sem renegar quaisquer teses psicanalíticas que o nosso vício possa inspirar, garanto-vos, aqui e agora, que é a melhor maneira de beber deitado. Isso, e o clandestino que o ato exigia, criou entre nós uma cumplicidade nunca possível sem esse biberão furtivo e fora de tempo.

Já mais crescida, pensei muitas vezes como a cumplicidade é tão importante para nos ligarmos para sempre. Pergunto-me mesmo se não competirá com o amor.

Seja como for, nós tínhamos aquele segredo. E outros... Por isso, éramos especiais. Não éramos só avó e neta. Éramos duas gerações que se compensavam do que lhes faltava com pecadinhos partilhados.

Para os avós, não temos de ser perfeitos. Aliás, acredito que aos avós dá até um certo gozo que não o sejamos. Talvez porque isso ajude a provar que, tal como eles, também os seus filhos foram pais com falhas e insucessos. Uma avó - a minha avó - dá sentido ao circuito da vida. Uma avó traz o passado consigo e garante a passagem ao futuro prometido.

A verdade é que, tirando essa varíola que a deixou de cara defeituosa e a hospitalizou durante meses, ainda recém-nascida, a minha avó não tinha doença nenhuma. Hoje brinco com ela, dizendo-lhe que soube bem enganar a morte com aquela cantilena do «Ai, filhinha, para o ano já cá não estou». De ano em ano, sem nunca parecer gananciosa, foi amealhando o seu pecúlio de vida.

Aclamou a morte em voz alta. Expulsou-a do silêncio das entranhas.

Mulher de um tempo em que subsistir era tão fortuito como continuar vivo, a minha avó trazia a morte na boca e os bolinhos no forno. Nascida no mesmo ano de Sophia de Mello Breyner Andresen, 1919, um século de tempo viajou com ela, desafiando varíolas e coronavírus.

Entre choros e ladainhas, pela minha avó passou um Portugal cronologicamente dividido por meio século de ditadura e quase outro tanto de democracia. Uma Guerra Mundial. Duas Guerras Mundiais. A primeira bomba atómica. A Guerra Fria. A Queda do Muro de Berlim. O 11 de Setembro. Vários fins do mundo anunciados, incluindo o mais recente trazido pela Covid-19, que ela acompanha com a orelha colada ao televisor.

Ouve mal, vê pior. Mas vive. Vive. Vive. Viva! Viva! Viva!

ISABEL NERY